

José Ribamar Ewerton Neto:
**A INVENÇÃO DE NOMES PRÓPRIOS: ALGO MAIS DO
QUE UM COSTUME. SERÁ ARTE?**

Graduado em engenharia metalúrgica pela Universidade Federal Fluminense, UFFRJ. Trabalhou em várias empresas do ramo da metalurgia. Desde 1990 vem sendo colaborador regular do jornal O Estado do Maranhão, onde comparece aos domingos com crônicas sobre o cotidiano. Publicou e foi premiado com vários livros O Ofício de matar, novela, Cidade Aritmética, poesia, e O menino que via o além, novela infanto-juvenil, reeditada pela editora Escrituras de São Paulo. No ano passado lançou o livro de contos Ei, você conhece Alexander Guaracy premiado pela Fundação Cultural de São Luis, FUNC. No final do ano passado foi eleito pela Academia Maranhense de Letras onde ocupará a cadeira de n 12 cujo patrono é João Francisco Lisboa e que era ocupada pelo poeta Manuel Caetano Bandeira de Melo.

RESUMO: Dentro do universo das palavras inventadas, a criação de nomes próprios tem sido vista, com frequência, como um costume ou mania de baixa densidade cultural. O autor sugere que a carga de simbolicidade e de busca de identidade inerentes a esse processo fazem com que este atinja muitas vezes, as complexidades peculiares às do fenômeno artístico.

ABSTRACT: On the universe of created words the invention of proper names has been seeing like a costume with low cultural density. The auctor suggest that instead off just a costume, the symbolism and searching for identity inherent on this process becomes it capable to achieving some particularities of artistically process.

KEY-WORDS: Name-Invention- Name-Identity-Symbolism

Palavra é disfarce de uma coisa mais grave, surda-muda, foi inventada para ser calada. Em momentos de graça, infrequentíssimos, se poderá apanhá-la: um peixe vivo com a mão. Puro susto e terror.

Adélia Prado em Poesia Reunida.

1 INTRODUÇÃO

A invenção de nomes próprios é praticada por um enorme contingente de pessoas, especialmente no Brasil. No entanto, nunca foi profundamente analisada em suas motivações psico-sociais. Tampouco foi dimensionada em termos de seu conteúdo simbólico de tentativa de expressão e busca de identidade. Aqui ou ali, são reproduzidas em revistas semanais, reportagens sobre o tema, tendo como foco algum livro publicado no exterior sobre esse tema, tão fascinante, mas carente de um estudo mais aprofundado. O artigo mais recente, de Lyzia Bidlowski, publicado na revista *Veja*, edição da semana de 10 de Setembro de 2008 e intitulado *Qual o nome da criança?*, refere-se ao livro *Bad Baby Names* de Michael Sherrod e Matthew Rayback em que, curiosamente e de forma inusitada, seus autores discordam do pre-estabelecido fato de que nomes bizarros e estranhos sejam mal aceitos pela sociedade e acabem se tornando um “tormento” para seus detentores. Ao contrário, sugerem que possa se tornar até um fortalecedor de caráter.

O ponto de vista dos autores americanos vai de encontro à tendência vigente na intelectualidade brasileira de reduzir tal fenômeno a um costume extravagante de pouco significado estético e com conseqüências grotescas no contexto social. Ao aceitarem que os pais que dão às criancinhas nomes diferentes não pensam nas dificuldades que os filhos enfrentarão e, na verdade, querem que estes carreguem desde cedo um diferencial na vida, tornando secundário eventuais problemas causados pela originalidade do nome, os autores norte-americanos corroboram com alguns tópicos levantados neste artigo, nos quais se pretende que essa tentativa de originalidade seja melhor estudada e valorizada em seu potencial conteúdo estético e artístico.

Com esse propósito, este artigo-ensaio foi dividido em itens que tentam estabelecer, de alguma forma, um paralelismo entre o parco conteúdo teórico específico existente e a realidade cotidiana trazida pelas notícias e reportagens de revistas e jornais. No tópico **dois** recorda-se toda a “magia” embutida no processo de invenção de palavras, em geral, tão caras a intelectuais, críticos literários e leigos. No tópico **três** localiza-se nesse universo o processo de invenção de nomes próprios, envolto na mesma

aura de sedução, mas, curiosamente, fazendo aflorar alguma carga de preconceito, todas às vezes em que se tenta interpretar a generalização do seu uso pelas camadas pobres da população. No tópico **quarto** cita-se como fator ilustrativo um fato real acontecido em São Mateus, Maranhão, via Hidramix, (um anônimo que se intitula inventor de nomes próprios), para, através dele, explorar toda a carga de simbolismo e busca de identidade que se julga estar embutida nesse processo com o propósito de que, baseado no que foi apontado nos itens anteriores, confrontá-lo com algumas das teorias da arte, no tópico **cinco**; até se chegar à conclusão final.

2 A SEDUÇÃO DAS PALAVRAS INVENTADAS

A invenção de palavras é um capítulo fundamental do fenômeno da linguagem. Muitos autores já se ocuparam desse assunto e, com bastante frequência, revistas de literatura, de idiomas, ou semanários de interesse geral a isso se dedicam. Esse manancial de palavras inventadas desemboca muitas vezes em dicionários que, de acordo com suas relevâncias, a mídia trata de divulgar. Em artigos recentes as revistas dão conta de dicionários montados com o fim exclusivo de abrigar palavras novas. A internet está plena deles. Na edição de 17 de janeiro de 2008 a *Revista Época* descreve em artigo de Renata Leal, intitulado *Que inglês, Que Nada*, que já existem quase dois mil idiomas criados por internautas, com milhares de falantes. Chamadas de *conlangs* (línguas construídas), segundo sua autora o empurrão da Internet foi fundamental para que se disseminassem. O esperanto, o mais tradicional e conhecido dentre eles, num esforço para que pessoas de países distantes falassem um idioma comum, agora é apenas mais um entre tantos.

A pergunta que salta diante do que pode aparentar ser um desperdício (de tempo ou, quiçá, de talento), é: “Mas, afinal, porque criar o próprio idioma?”. A própria autora do artigo responde dizendo que hobby e curiosidade são as principais motivações. Sonja Elen Kisa, uma tradutora canadense e criadora de um idioma *Toki Pona* tenta explicar a “febre”: “Para mim as conlangs são uma forma de arte, de

comunicação, um exercício mental, um jogo e um hobby”. Observe-se como a autora distingue na criação das palavras, uma manifestação artística.

Na edição da revista *Língua Portuguesa*, ano 2, n 29, editora Segmento, o autor do artigo, Luis Costa Pereira Junior refere-se ao *Pequeno Dicionário Ilustrado de Palavras Inventadas* (editora Sagui) como um ricamente ilustrado vocabulário de palavras inexistentes, criadas pelo arquiteto, designer e jornalista Marcilio Godoi. Em determinado trecho do artigo Godoi descreve sua impressão a respeito do próprio trabalho: “em geral as pessoas tratam a palavra como se fosse uma coisa pura e pronta. Mas mesmo os puristas notaram que a língua é um ser em movimento, é massa que se molda”. Independente de que isso seja verdadeiro dentro da teoria lingüística, é inegável que parece haver, nesse exercício, uma sedução que extrapola o puro ato circunscrito ao fenômeno da linguagem. Seria possível separar a criação de palavras do ambiente lexical para identificá-la como um fenômeno artístico exclusivo?

No que tange à literatura, percebe-se que o louvor da crítica ao talento literário ganha tons alguns graus mais elevados de apreciação quando o autor propõe-se aos neologismos. E mais ainda quando – dada a sua predisposição para inseri-la em sua obra – passa a ser considerado um mestre nisso. É o caso de Guimarães Rosa, Manoel de Barros, o angolano Agualusa e outros. Mesmo escritores que apenas ocasionalmente inventam palavras, são reverenciados como se isso constituísse dentro da arte literária, outra à parte. No mesmo artigo, selecionam-se alguns termos inventados por escritores, filósofos e intelectuais.

De Dias Gomes: cachacista, apenasmente, entretantos e finalmentes

Millor Fernandes: saite, cartomente, abdhomem (barriga máscula)

De Camões: estupendo, indômito, inopinado, ebúrneo, lácteo, crepitante

De Rui Barbosa: egolatria, perigalho

Cícero: qualidade .

Comte: altruísmo

Stendal: egotismo

Turgueniev: niilista

Voltaire: embaixatriz .

Guimarães Rosa: ufanático, bramosa, druxo, tutaméia

Ao mesmo tempo em que nos surpreendemos pelo fato de que alguns desses nomes tenham sido inventados e, mais ainda, por terem sido tão bem incorporados à linguagem, observamos que outros não tiveram a mesma sorte. Ficaram circunscritos ao universo do escritor, o que, na análise do mérito literário não os diminui já que, pelo que percebemos, não parece haver para a crítica literária distinção entre a criação da palavra em si e o seu resultado prático de incorporação à vida cotidiana. No mesmo artigo o autor Luiz Costa Pereira Junior faz menção à distinção entre termos que não ultrapassam o horizonte de seus criadores de um neologismo bem formado. Boulanger apud Junior (2008, p. 20) já apontava que:

[...] a única fonte confiável do caráter neológico de uma palavra é a busca nos dicionários. Se a palavra, estranha ao ouvido, não estiver dicionarizada, podemos estar diante de uma invenção lexical. Tal critério, obviamente frágil, dá conta da dificuldade de saber se um termo é um idioleto, invenção que não ultrapassa o horizonte de seu criador, ou um neologismo bem formado, socialmente necessário e expressivo [...].

Também no artigo Morte e vida das palavras de Paulo César de Carvalho (2008), *Discutindo Literatura Especial*, da revista *Escala Educacional* há uma discussão sobre o mesmo tema e sobre o fato de que muitas novas palavras viram arcaísmos e ficam em desuso. Nesse processo de inventa-língua (termo usado pelo autor) há criação de palavras que não se disseminam, isto é que não constituem sucesso no linguajar real, não vivem fora da literatura, sendo empregadas basicamente por quem as criou. No dizer do autor são vocábulos que não saem do idioma para o socioleto (a língua comum). Ficam sob a saia da mãe ou presas à gravata do pai, como filhos que não foram criados para o mundo. É o que ocorre com as criações lexicais literárias: as novas palavras são empregadas apenas pelo escritor que as cunhou; e este, muitas vezes, não as emprega mais de uma vez, ou seja, são palavras que nascem com os dias contados, para não dizer que já nascem mortas. Ou em outras palavras, vêm ao mundo para se eternizarem, apenas na literatura.

Alguns exemplos são citados como *beiravámos* de Oswald Andrade, *felicidadania* de Caetano Veloso, *economiofia* do poeta Jose Paulo Paes. Paulo Leminski, poeta e, ele mesmo um criador de palavras literárias como *manusgrito* e *cometalinguagem* lembra que o fenômeno não é exclusivo da literatura e, para mostrar que o homem ordinário e não só o escritor, também assume o papel de inventa-língua complementa que “a montagem de palavras é cada vez mais corriqueira na onomástica popular brasileira na qual Florisvaldo é filho de Florisbela e Osvaldo, Divonei filho de Diva e Nei, etc”.

3 A INVENÇÃO DE NOMES PRÓPRIOS: SEDUÇÃO E PRECONCEITO

Curiosamente, contudo, o papel de inventa-língua é visto de forma distinta quando se trata do homem comum e do escritor, mesmo fazendo parte de um mesmo processo criativo. No artigo acima citado, o autor Paulo Cesar Carvalho é pouco econômico quando se trata de elogiar o maior inventa-línguas da literatura brasileira, João Guimarães Rosa, ao dizer:

Tratando das criações literárias não se pode esquecer do maior inventor da nossa língua, Guimarães Rosa. Certo personagem do escritor, de tão embriagado estava, engatinhava pela casa: ou melhor, embriagatinhava, na língua de Rosa. O próprio nome do narrador Rio Baldo é uma palavra composta por justaposição rio (que sugere abundancia) + baldo, que sugere escassez. (CARVALHO, 2008, p.61)

E complementa seu raciocínio com palavras de Manuel Bandeira “Rosa inventa palavras, deforma-as, desintegra-as, recompõem-nas, faz alquimia, cirurgia plástica, seja lá o que seja. De Hitler e atrocidade já fez hitlerocidade, monstro esplendido”. (CARVALHO, 2008, p62). Portanto, ao mesmo tempo em que a invenção de palavras sempre é citada como um fenômeno “sedutor” e a criação de neologismos por escritores é citada como a quintessência do talento, à invenção de nomes próprios por parte da população anônima, é concedida uma fronteira de pouca visibilidade e interesse dentro do universo da criação literária e artística.

Como depreendemos do artigo em questão, Riobaldo, nome inventado por Guimarães Rosa é considerado como mais uma manifestação talentosa do seu autor, contrapondo-se aos nomes Divonei ou Florisvaldo, estes provenientes do imaginário popular. Ora, por que razão a invenção do nome Riobaldo é vista como manifestação de arte em grau superior, e o equivalente processo de criação - de nomes próprios - por parte de indivíduos anônimos não é tratado com a mesma distinção? Em que uma palavra como embriagatinhava, que jamais será usada, salvo no romance do seu autor, sugere talento e imaginação tão superiores ao da invenção de um nome próprio?

Em outra revista *Discutindo Literatura*, especial sobre Guimarães Rosa, Ano 1, no 4, de julho/2008, em artigo de Tatiana Alves Soares Caldas intitulado *Difícultosa Travessia, a reverência e admiração é a mesma*:

[...] Símbolo máximo da revalorização da linguagem realizada por Rosa, os neologismos - emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes - traduzem no plano metalinguístico, a perspectiva da reelaboração da linguagem e, por meio dela, do mundo. Por meio de novos elementos (re)criados no universo rosiano, tem-se a possibilidade de (re)ordenação do mundo numa transformação operada pela arte. No “coraçõemente” expressiva recriação do já desgastado cordialmente, ou no “ufanático” que funde ufanista e fanático, assiste-se a exploração de novos significantes como forma de inserção do indivíduo-partícipe da construção do mundo [...] (CALDAS, 2008, p. 36).

Entende-se perfeitamente que, no universo da crítica à criação literária a invenção de vocábulos seja quase sempre inserida numa aura de sublimidade artística. Porém, no instante específico da criação, ao se desenvolver o equivalente exercício da busca inventiva de um nome próprio, que diferença há no sublime implícito à sua concepção, entre um e outro? Por que a invenção do nome Riobaldo, a partir de um grande escritor, Guimarães Rosa é considerada talentosa e criativa e o mesmo não se diz de Florisvaldo e Divonei?

Ao contrário, como percebe-se nos inúmeros artigos escritos sobre esse assunto, em revistas, livros, e Internet, a invenção de nomes próprios pela população anônima é sempre exacerbada pelo que resulta em ridículo e grotesco. Sempre que os autores se referem ao fenômeno específico de criação de nomes próprios este processo é

encarado como um costume pouco merecedor de uma análise mais profunda. Até na corriqueira conversa do dia a dia, se tratamos de nomes inventados, o assunto descamba espontaneamente para o que há de ridículo na intenção e nos resultados porventura alcançados, realçando-se sempre o bizarro e o estranho, nunca algum potencial de criatividade.

Esse exagero do lado grotesco do exercício/costume da invenção de nomes próprios é usual em vários livros ou revistas onde sempre se oferece uma profusão de nomes para serem escolhidos por futuros pais e que são distribuídos em bancas de revistas e livrarias por todo o país. Ao mesmo tempo que realçam, em tom professoral, o cuidado que se deve ter em relação à escolha do nome pelo que encerra de simbolismo e representação, jamais se ocupam da possibilidade de que a invenção de nomes próprios venha a se tornar, por uma feliz inspiração, apropriada para a pessoa no futuro. As matérias ocupam-se quase sempre do resultado infeliz a acompanhar uma trajetória humana. Como se vê no livro *Nomes para bebês*:

Se pesarmos bem, nosso nome completo é mais que simples palavras. Ele é algo correspondente à própria personalidade, que nos torna únicos. Por isso, a escolha precisa ser feita com cuidado e deve passar basicamente por quatro fatores fundamentais: a sonoridade, a simplicidade, a fácil pronúncia e o significado. (2008, p. 14)

Do livro *Dicionário de nomes de bebês*, obtemos:

O nome é a primeira coisa mais importante que um ser humano recebe logo ao vir ao mundo exterior. Às vezes dado ainda na barriga da mãe, seguirá o seu nome por toda a vida. Portanto, a escolha de um nome é importante. Nada de nomes espalhafatosos, excêntricos, grosseiros ou ridículos. Para que o seu portador possa vencer na vida, seu nome deve harmonizar-se com ele. [...] No Brasil há milhares de casos de nomes ridículos, cujos filhos, crescidos, estão travando uma batalha judicial para mudarem seus nomes. Esses nomes ridículos provocam uma série de transtornos na vida do filho, quer na vida estudantil, profissional ou social. (*Dicionário de nomes de bebês* 2008, p. 6)

Conforme Regina Obata no livro *O livro dos nomes*:

O nome é um rótulo de identificação social e uma marca de individualidade que, de alguma forma, transmite um adjetivo abstrato ao seu portador. É um atributo voluntário transmitido, ou melhor dizendo, imposto pelos pais aos filhos e que pode até abrir ou fechar portas durante sua caminhada.(...) (...) Deve-se sempre pensar se uma pessoa, devido aos seu nome, não será

submetida a problemas por ele ocasionados, quer por ser eufonicamente desagradável, quer por ter significado extravagante ou excêntrico, quer por ser nome de alguma personagem, que permita uma associação negativa. (OBATA, 1986, p. 5)

Verifica-se que, ao mesmo tempo em que reforçam a importância da escolha do nome, sugerindo as qualidades que deve possuir: sonoridade, simplicidade, pronúncia e significado, os autores, de antemão, excluem a possibilidade de que o resultado dessa busca venha a ser encontrado por invenção, num ato de criação inspirado. De forma preconcebida a tentativa de criação de nomes próprios é somente vista – e interpretada – como uma tentativa mal sucedida que só tende a manchar o destino do indivíduo dotando-o de uma moldura inconveniente. No entanto, se fosse possível comparar o grau de simbologia associado a um nome inventado inerente a um discurso literário, contrapondo-o ao que se associa a uma vida real, dever-se-ia concluir que neste se incorpora necessariamente uma carga de maior densidade porque não se esgota na representação do imaginário próprio da arte, mas na vivência física real.

O achincalhe, a ironia e o sarcasmo com que críticos e estudiosos se referem aos inventores de nomes próprios ocultos dentro da massa popular - no teor reverso do que manifestam aos inventores de palavras no ambiente da criação literária – parece esconder por trás de um véu de aconselhamento professoral, um intuitivo preconceito em relação ao popular e sua caótica tentativa de expressão. É mais cômodo situar a invenção de nomes próprios dentro do grotesco restrito às fronteiras do vazio cultural para não demandar esforços em buscar conteúdo especial na carência de identidade, comuns a classes e costumes considerados inferiores, que não convém ser lembrados.

Essa problemática (a do nome) é exemplarmente mostrada no debate reproduzido entre Harvard Pinker e o escritor Ian McEwan no Caderno Mais da Folha de São Paulo. Nele, reproduz-se o debate entre o professor de Harvard Steven Pinker e o ganhador do Booker Prize, o escritor Ian Mc Ewan. Mc Ewan (2008, p. 4) pergunta:

Você disse que a maioria de nós tem a oportunidade de criar uma palavra, pelo menos uma vez na vida, ao dar nome a uma criança. E, aqui topamos com um certo paradoxo, porque quando o fazemos temos a ilusão de estarmos simplesmente escolhendo um nome que nos agrada. Mas então descobrimos que fazemos parte de uma comunidade de pessoas que fizeram

escolhas semelhantes, pessoas cujas escolhas, cedo ou tarde, vão parecer curiosamente datadas. O que esse nomear nos revela a respeito de nós mesmos? E essa aparente liberdade e ausência de liberdade?

Na indagação de McEwan, reproduz-se todo o drama de nomear uma vida. Surge de forma pungente uma encruzilhada que poderá fazer parte de um dilema existencial e de superação a vida inteira. Uma liberdade de escolha apenas aparente, que desemboca numa escravidão porque os nomes já existem, já foram concebidos. À liberdade de criar uma nova leitura compatível com todas as esperanças relativas a uma nova vida, sobrepõe-se a limitação – e escravidão – do previamente estabelecido e estipulado.

A resposta de Pinker (2008, p. 5) foi:

Sim, esse desconcertante constrangimento de nossa sensação de livre-arbítrio. Frequentemente se vêem pais que dizem “Demos à nossa filhinha o nome de Madeline porque minha mulher tinha uma tia-avó que amava, chamada Madeline e achamos que seria um nome singular” Então vão à creche e descobrem que há outros nomes ali.(...)

Boa parte das hipóteses traçadas por pessoas que explicam porque nomes entram e saem de moda pode ser desmentida quando se analisam os dados cronológicos sobre o aumento e a queda na popularidade dos nomes. É fácil fazê-lo nos EUA porque a administração social da seguridade social publica um banco de dados com todos os nomes que contam em seus registros praticamente exaustivos desde a década de 1890. É possível passar muito tempo traçando o gráfico da ascensão e queda de seu nome favorito. A hipótese é que os nomes refletem tendências sociais. A razão pela qual houve uma alta de nomes bíblicos nos anos 1970 e 1980 – Adam, Joshua, Sarah e Raquel-, teria sido a curva ascendente dos sentimentos religiosos. Mas não é verdade: no momento em que os nomes bíblicos estavam em ascensão, a observância religiosa estava caindo.

Ou então as crianças recebem os nomes de celebridades reais ou fictícias, personagens de telenovelas, atrizes, cantoras pop e assim por diante. Novamente, parece haver poucas ocasiões em que isso acontece. Em lugar de haver uma causa externa que resulta na escolha e nomes, o que acontece, de fato, é uma dinâmica interna, na qual a escolha de um nome numa geração é causada pelas escolhas de nomes da geração anterior. Os pais reagem aos nomes que estão aí fora – nomes que são demasiado geriátricos, porque todas as pessoas das quais se lembram que os têm, estão em lares de idosos. Ou nomes que são suficientemente velhos, talvez os nomes de gerações anteriores, de modo que parecem estar prontos para serem trazidos de volta.

Ou seja, ainda que se possa discordar da resposta de Pinker como completa solução para a questão proposta, nela está implícito o caráter de busca de

originalidade e diferenciação na escolha de nomes como contraponto à escravidão do nome corriqueiro e óbvio. Para ele, mais que o modismo, ou a referência da mídia, as pessoas buscam incorporar ao nome, o que desejam para seus filhos em suas vidas: o que é novo, original, ou que possa servir para destacá-lo dos demais. Ainda em O livro dos nomes, de Regina Obata “a problemática” da escolha do nome insiste em demandar, principalmente, cuidado:

Psicólogos infantis afirmam que são freqüentes os casos de crianças que se mostram traumatizadas em função do nome escolhido pelos pais. Ele pode despertar expectativas que as crianças sentem-se pressionadas a corresponder, principalmente quando se trata de nomes de grandes personalidades cujos atributos estão tradicionalmente incorporados pelos grupos sociais. Também na repetição do nome do pai, do avô, é inevitável a comparação com as características inerentes às pessoas originalmente portadoras do mesmo nome. Essas pressões podem acarretar insegurança, ansiedade ou agressividade. O escritor modernista Mário de Andrade, em um trecho do seu livro *O turista aprendiz*, discorre sobre a psicologia dos pais que dão nomes extraordinários aos filhos, como “um desejo do excepcional, do brilho raro, do gênio. Na verdade, vaidade dos pais”. O escritor conta a história dramática de uma mulher chamada de Silurga, um nome tão procurado por seus pais, que o imaginaram ótimo para uma pessoa excepcional, mas que acaba predestinando-o a infelicidade. (OBATA, 1986, p. 5)

Ou seja, “a problemática”, aponta, mais uma vez, para a inconseqüência dos pais, o que a leva a aconselhar, parágrafos adiante.

O gosto pessoal dos pais deve sofrer uma autocrítica rigorosa. Deve-se sempre pensar se uma pessoa, devido ao seu nome, não será submetida a problemas por ele ocasionados, quer por ser eufonicamente desagradável, quer por ter significado extravagante ou excêntrico, quer por ser nome de alguma personagem que permita uma associação negativa, como por exemplo, Caim nome do assassino do próprio irmão, Abel. (OBATA, 1986, p. 5)

Reforça-se então, mais uma vez, a interpretação do processo de invenção de nomes pelo ângulo desfavorável do insucesso, do nome eufonicamente desagradável, da ressonância esdrúxula que atrapalha a realização do indivíduo no ambiente social. Olvida-se sempre da intenção captada por Mário de Andrade no texto acima referido do “desejo do excepcional, do brilho raro, do gênio”. Ora, o “desejo do excepcional, do brilho raro, do gênio”, não é o mesmo que se vincula à aura ansiada de toda manifestação artística? Por que o próprio Mário de Andrade, resume essa intenção como

sendo vaidade, apenas, esquecido do exercício de superação que é impossível desvincular-se da vaidade, no momento peculiar a todo artista quando tenta se sobrepor ao seu destino? Ainda no prefácio do mesmo livro, cita-se mais uma das inevitáveis listas contendo nomes grotescos e bizarros: Abecê Nogueira, Antonio Morrendo das Dores, Céu Azul do Sol Poente, Dignitário da Ordem Imperial do Cruzeiro até chegar a Zero Fonseca completando, no mesmo parágrafo, mais de cinquenta exemplos. Nenhuma menção é feita a algum nome bonito que porventura tenha sido inventado. Até que ela complementa:

É difícil identificar as razões pelas quais os pais dão aos seus filhos nomes excêntricos. O escritor modernista Oswald de Andrade e a poetisa Patrícia Galvão escolheram para seus filhos nomes arbitrários e propositadamente incomuns, para que cada um escolhesse depois o seu próprio nome e efetuasse a mudança nos registros. Um de seus filhos o cineasta e escritor Rudá Porominare de Andrade, conhecido apenas como Rudá de Andrade, jamais pensou em mudar o seu nome em “respeito ao espírito antropofágico dos seus pais” conforme ele mesmo afirma. (OBATA, 1986, p. 8)

Teria sido apenas por respeito ao “espírito antropofágico dos pais”, ou registrou-se na sua definitiva escolha, uma identificação também de impulso estético com a junção de suas aspirações de identidade e originalidade na criação do seu nome, que o satisfaz plenamente, apesar do resultado apenas à primeira vista, esquisito?

Curiosamente, a autora confirma que grande parte dos nomes excêntricos são provenientes da combinação dos nomes, principalmente do pai ou da mãe, citando como exemplos: Claudionor (Claudio e Leonor) Jomar (João , José e Maria) Aguiamar (Aguinaldo e Maria) Erlice (Ernesto e Alice) Mariel (Maria e Ariel). Mas, depois, acrescenta:

O conhecido escritor e cartunista Zivaldo Alves Pinto costuma dizer que já nasceu com pseudônimo, graças à criatividade do pai que combinou o nome da esposa e o seu próprio para formar o nome do filho (Zizinha e Geraldo). Mas se essa combinação foi feliz não podemos dizer o mesmo do nome criado pelos que admiravam as atrizes Gina Lolobrigida e Ava Gardner: resolveram homenageá-las com o nascimento de sua filha dando-lhe o nome Ava Gina. (OBATA, 1986, p. 9)

Ou seja, ao analisar o nome Zivaldo ela considera o resultado feliz, mas não atribui elogios a combinações aprovadas pelo gosto popular como Claudionor, Jomar e Mariel? Quem satisfaria melhor às exigências citadas por ela como regras para um

nome bem escolhido, no que tange à sonoridade, Erlice ou Ziraldo? Não estaria a autora atribuindo um resultado feliz a esta edição de *inventa-nomes* apenas porque coincidiu de o objeto referente a essa invenção ter se tornado um escritor famoso?

Mais uma vez, parece haver um intuitivo preconceito que não se dá conta que, em seu bojo, usa dois pesos e duas medidas. Se o móvel criador do objeto em questão é popular e desconhecido, o resultado é feio e inacabado, se pertence a um escritor ou à sua inventividade, aí se trata de talento ou inspiração.

4 A AVENTURA DE JOÃO DE DEUS/ HIDRAMIX NA INVENÇÃO DE NOMES PRÓPRIOS: UM CASO EMBLEMÁTICO

Um caso acontecido no Maranhão, ilustra, a meu ver, de forma espetacular a questão que se propõe, da problemática da criação de nomes próprios, exibindo (de alguma forma) aspectos de simbolismo e busca de identidade que afloram mesmo na impossibilidade, restrita a este artigo, de quantificar e identificar eficientemente o seu mecanismo. Nelin Vieira, sindicalista e publicitário, publicou interessante artigo intitulado Hidramix, o criador de nomes. Tomemos alguns parágrafos do texto:

Sol-Hidramix Riosraios paraíso Diferças Hahlmeixexas Hinfinito. Este é o verdadeiro nome que o maranhense de Chapadinha João de Deus da Silva, proprietário da Oficina e Borracharia “Hidramix”, localizada em São Mateus, Maranhão, a 182 km de São Luis, quer ver registrado em sua certidão de nascimento. Apesar de não ser uma pessoa “tão famosa” como gosta de dizer, preocupa-se bastante com o anonimato. Pois não ficaria contente – mesmo depois de morto – com a possibilidade de, quando anunciarem a sua morte as pessoas da cidade ainda não conhecerem muito bem o nome do defunto.

Diz ainda que, se por acaso desaparecesse agora poucos iriam saber quem é esse “João da Oficina” vão apenas dizer “ Ah, é o João Velho que é chamado de João Soldador. E isso, de certa forma o incomoda bastante, principalmente se considerarmos o tanto de gente que tem em São Mateus do Maranhão com o nome de João “ Até parece coisa de Garrincha, que chamava todos os adversários de João”, analisa Hidramix que faz questão de citar alguns: “Temos o João do Cabelo Duro, João da Bomba, João Tabajara, João do Rádio, João de deus do Passarinho, João Piaba, João Andrade, João Careca, João da Mata, João Margarida, João da Tripa, João da Rede, João Sinoca, João Bermuda, João Matão, João do Coco (que depois da era Collor não bota dinheiro em banco de jeito algum) João Enrolão, João Aboiador...(VIEIRA, 2004, p. 15).

Trata-se este, sem dúvida, de um caso singular em que se extapola além do tragicômico o que seria um costume corriqueiro de invenção de nomes próprios. Ao invés de o autor ser “premiado”, antes de nascer, com um nome inventado, acumulando-se do “castigo em vida” pela inadaptação do ambiente social ao seu nome, sobressalta, em sentido inverso, o dilema de alguém que previamente dotado de um nome bonito e conhecido, mas comum, anseia pelo bizarro e o estranho “para não morrer”, como ele próprio diz. Instala-se a procura do inusitado como salvação para prevenir essa forma de extinção, anônima, independente do que possa haver por trás da satisfação estética com a beleza do nome.

Mesmo que seja portador de um nome conhecido e bíblico, João de Deus da Silva não se satisfaz com isso, pretende algo que exceda a mera compreensão pessoal do que se passa consigo, e atira essa insatisfação à cata de um nome, como se este pudesse fincar um novo símbolo, com o qual pudesse incorporar o que enxerga como solução de destino. A sua tentativa parece ser uma só: redimir-se através do nome, dotar-se a si próprio de um significado e um sentido de existência. Em última análise, João de Deus/Hidramix demanda, sem que tenha a menor noção disso, a capacidade de ser o artista de si mesmo e de buscar um significado para si através da possibilidade que lhe parece mais exequível: o nome.

Não é difícil deduzir, que sobressai da tentativa do modesto João de Deus da Silva algo mais que a mera aderência a um costume e muito além da vontade trivial e pós-moderna “de aparecer” por alguns segundos, segundo a sentença preconizada por Andy Warroll que se transformou na sina de nossa era. Há uma tentativa de ser mais do que aquilo que se é ou se pensa ser, há uma desesperada busca de identidade num mundo cada vez mais desprovido de chances para que um eu possa ser reconhecido pelo outro. João de Deus é tão humilde que não se envergonha de citar de forma clara o que é tantas vezes citado como um drama comum do indivíduo perdido na multidão. Ele diz:

Apesar de não ser uma pessoa “tão famosa” como gosta de dizer, preocupa-se bastante com o anonimato. Pois não ficaria contente – mesmo depois de morto – com a possibilidade de, quando anunciarem a sua morte, as pessoas da

cidade ainda não conhecerem muito bem o nome do defunto. (JOÃO DE DEUS apud VIEIRA, 2004, p. 15)

Ou seja, diante do anonimato cruel reservado a todos os que, como ele, das classes pobres, não tem chances, preocupa-se com a pós-morte e socorre-se do nome que reverbera na sua imaginação como um símbolo (talvez o único possível) de superação de sua condição humana. Embora levada ao paroxismo, neste exemplo, a procura do nome original e diferente, buscada principalmente no seio das classes menos favorecidas, não parece distante, de igual carga de busca de identidade e simbolismo. Neste caso, pela estranheza do nome, mas em muitos casos, pela obsessão de suposta beleza e originalidade.

A “angústia da diferenciação” que perpassa em qualquer reflexão sobre esse episódio pode ser referendada e ilustrada pelo que se extrai do texto a seguir. Diz Luciana Chauí Berlinck (2008, p.34) “Alguns traços permitem pensar a sociedade contemporânea como narcisista e promotora do narcisismo: o gosto pelo efêmero e a perda de referência temporal, ao passado e ao futuro [...]”.

No tópico *A sociedade narcisista a autora prossegue:*

Nossa sociedade alimenta o gosto pelo efêmero: passado e futuro não são referências psicológicas e sociais predominantes, mas sim o presente, como instante fugaz. Porém, a ordem humana surge exatamente como capacidade para simbolizar, isto é, para lidar com o ausente, e a primeira relação com a ausência é dada pela relação com o outro sob a forma do tempo, seja como relação com a natureza por meio do trabalho, que torna presente o que estava ausente. [...] Se a grande questão do melancólico é não conseguir lidar com uma perda, a perda inconsciente de si mesmo, da auto-estima, e sendo a sociedade atual marcada pelo descartável, ou seja, por perdas, o sentimento de ruína do indivíduo é explicado pela impossibilidade de sentir-se valorizado, de sentir-se incapaz de corresponder ao seu eu ideal, uma vez que ele próprio é descartável nesta sociedade. Se tudo é descartável e efêmero, tudo se torna imediatamente ruína e a própria sociedade, imersa em ruínas, é melancólica. (BERLINCK, 2008, p. 34)

Observe-se que a autora não se referiu a determinados extratos da sociedade, mas a ela como um todo, o que leva a inferir que se toda sociedade, mesmo independente de seu bem-estar financeiro é melancólica e narcisística pela sua incapacidade de corresponder ao ideal de seus membros, imagine-se como isso não deva

acontecer, com maior intensidade, nos estratos mais baixos e desvalidos, cuja incapacidade do eu de se sobrepor na sociedade, através de uma superposição aderente a certos sucessos, como o financeiro, é uma realidade crua e dolorosa. Nesse aspecto, a busca do nome e, principalmente, da originalidade do nome, como forma de libertação atinge tons mais elevados de angústia de identidade, daí justificando-se que esse costume grasse com mais freqüência nas camadas mais pobres. A busca da identidade é pois um drama próprio do ser humano, porém tornado crucial pela sociedade moderna. A tentativa de interpretação desse fenômeno de procura de algo que nos diferencie está presente em escritos de Nicole Berry:

Na nossa sociedade, na qual o apagamento das diferenças se torna patente, quer sejam de raça, sexo e geração, torna-se ainda mais necessário afirmar sua individualidade e singularidade. O mal-estar de nossa sociedade está em ser uma sociedade de massa, escreve J.B.Pontalis [...] O perigo de se encontrar afogado na massa desperta provavelmente a necessidade de sobressair, de afirmar sua identidade, de descobrir o valor da própria vida [...] Lutamos por uma causa e lutamos por sermos nós mesmos. E podemos buscar em nossas origens os fundamentos de nossa identidade, origem de território, de língua, de cultura ou *de nome*, ou, ao contrário, querer forjar em nós uma identidade pessoal original mascarando ou até rejeitando nossa origem familiar. (BERRY, 1991, p. 13)

Portanto, o raciocínio da autora do artigo corrobora a impressão de que, no âmago da sociedade de massa - e em seus rincões -, a busca da ressonância de si a qualquer custo cause a mais profunda inquietação pela impossibilidade óbvia de uma existência digna para que esse eu possa ser revelado. Daí que a segunda via de forjar uma identidade pessoal, mascarando e até rejeitando a origem familiar torne-se um impulso mais prazeroso do que buscar suas origens de território, língua, cultura e nome dentro de um ambiente, que lhe é desfavorável. Sendo o nome, aquilo que antecede e que nomeia e que - na ilusão do sonho futuro - simboliza o mundo esperado que se deseja, a tentativa do nome inventado é a busca de superação e envolve uma tentativa de afeto, busca e obrigação. Mesmo desordenada, sem nexos, caótica e grotesca muitas vezes, essa tentativa antes até mesmo do resultado alcançado, reveste-se de conteúdo artístico no que encerra de simbolismo e inquietação .

Para melhor entendermos a carga simbólica que se sugere existir na invenção do nome podemos nos socorrer também do que nos diz Maria Celina de Q. Carrera Nasser (2003, p. 8):

A linguagem simbólica acontece quando ao invés de conter um sentido objetivo e apreensível, ocultamos um sentido invisível e mais profundo e que não pode ser expresso diretamente. Assim, a linguagem simbólica vai além do nome que identifica o objeto, ampliando o seu sentido, dando-lhe novo significado e direção. A linguagem simbólica é usada quando se esgotam as expressões comuns, quando o desconhecido está presente. É a linguagem dos poetas, dos artistas. [...] Assim, podemos dizer que vida e a morte estão presentes no símbolo, e serão por ele representadas enquanto ele estiver vivo. Pois um símbolo também morre, de “morte morrida” quando ele perde a sua função como símbolo, ou de “morte matada” quando alguém – pessoa, grupo, meios de comunicação, governo – deliberadamente o mata.

Sendo o nome próprio o primeiro símbolo associado à vida da pessoa mais que poderia sobrepujá-la por algumas gerações ou várias a depender da história do indivíduo, deduzimos do parágrafo anterior que, na procura do nome inventado há, a tentativa de uma linguagem simbólica expressa de forma marcante quando esta diz que essa linguagem vai além do nome que identifica o objeto, ampliando o seu sentido dando-lhe um novo significado e direção. Embora o ser humano não seja um objeto, está escravizado diretamente a um símbolo, um nome. E, a procura de algo que lhe amplie o sentido, e lhe dê novo significado e direção está presente no que poderíamos chamar a “angústia do nome” que é o afã de maior originalidade e diferenciação, como claramente percebido na “obsessão” de Hidramix.

Pois é a linguagem simbólica, como diz Nasser (2003, p.8) ”uma ponte que liga o homem ao outro homem no que de mais humano cada um possui”. Também Ricoeur se ocupava dessa relação simbiótica entre linguagem e símbolo como se vê no artigo *O que é Interpretar*, de Hélio Sales Gentil. Para Ricoeur, a linguagem tornou-se “um domino sobre o qual se entrelaçam, hoje em dia, todas as pesquisas filosóficas.” (GENTIL apud RICOEUR, 2008, p. 18) Depois, complementa sobre mediações simbólicas:

Da perspectiva de Ricoeur vai revelar-se indispensável para a compreensão do humano a consideração dessa mediação entre símbolos e da linguagem. Tanto o acesso à experiência do mundo quanto essa própria experiência são mediados pelos sistemas simbólicos, sejam os da perspectiva teórica que se

adota, sejam os da cultura em que se vive.[...] Símbolos e linguagem não são apenas representações de algo, mas são também representações para algo : símbolos, palavras, narrativas não apenas representam uma realidade já dada como também projetam uma realidade por vir, orientando as ações , dando sentido a elas. (GENTIL apud RICOEUR, 2008, p. 24)

Portanto, dentro do universo de representação em que se associam e se interpenetram linguagem e símbolos, o nome próprio é a palavra mais rica de significado e conteúdo. Ganha conotações de símbolo e narrativa especial, eis que não é representação para algo, mas para a vida de alguém e, não apenas representa uma realidade existente, mas uma por vir, na medida em que é projetada para alguém, e escolhida à sua revelia. Nesse aspecto não é de todo absurdo considerar que seja o nome da pessoa o primeiro texto escrito para uma vida que ainda nascerá. Resumo de tudo o que se deseja para esse alguém e para toda a história de sua vida (que a realidade há de narrar para esse indivíduo) o nome escolhido tenta antecipar a narrativa que o destino escreverá e conterà, no instante mesmo em que se realiza, a intenção do seu autor (aquele que doa o nome) de dotar-lhe de um texto resumido em uma palavra, que seja capaz de, ao mesmo tempo, inscrever-lhe no mundo e escrever-lhe inicialmente, da melhor forma possível.

A invenção de nomes próprios reveste-se, assim, de uma arte especial na tentativa de encontrar-lhe a iluminação adequada para a narrativa concentrada de uma história de vida que ainda se inaugurará: e, nesse caso, concentrará em sua tentativa a poesia que transita na busca de originalidade, harmonia e sonoridade. E, já que, no ponto a que chegamos conseguimos conectar evidências tão claras de busca de identidade e simbolismo estaríamos tão longe assim de poder conectá-la também a um processo artístico?

4 ALGO ALÉM DE UM COSTUME: SERÁ ARTE?

De todas as difíceis tentativas de definir o que seja arte, guardo a opinião pessoal e amadorística de que seu exercício envolva, em qualquer circunstância, a procura do belo, entendendo-se como belo a busca de algo capaz de causar sensações de arrebatamento no próprio autor e no ambiente ao redor, por via da expressão escolhida

para tanto (ainda que esta definição não seja suficiente para definir todo o universo da abrangência do conceito de arte e precise, como todas, ser complementada). Sob esse raciocínio, ainda que o resultado do exercício não seja belo esteticamente, mas, ao contrário, tenha se obtido o oposto como resultado, na ação da própria tentativa de expressão deve estar embutida a procura do belo. Assim, o célebre *Urinol*, de Marcel Duchamps tantas vezes citado nos debates filosóficos sobre arte para denunciar a complexidade do seu conceito, intui a beleza, mais do que em sua concepção, na própria tentativa de incorporação, pelo mundo artístico, do inusitado de sua provocação.

Igualmente, a aventura acima citada de *Hidramix*, cujo resultado é um nome grotesco e absurdo, tornar-se-ia bela e artística pelo que encerra da vivência, anterior ao nome obtido, de uma tentativa de superação, carregada de simbolismo. A invenção de nomes próprios, em geral, ainda que resulte muitas vezes em resultados ridículos e bizarros, evoca um ato libertário de busca de expressão, na sua própria ação, que tangeria a estética da beleza no que embute de tentativa de originalidade e superação de uma condição humana previamente imposta, na qual a escravidão a um nome comum é uma algema simbólica a ser superada. Aferir o que possa haver de artístico na invenção de nomes para chegar-se a uma conclusão definitiva, no entanto, é tarefa muito difícil pela própria dificuldade de conceituar o que seja arte. Jorge Coli, no livro *O que é arte*, na introdução diz:

Dizer o que é arte é coisa difícil. Um sem-número de tratados de estética debruçou-se sobre o problema, procurando situá-lo, procurando definir o conceito. Mas, se buscamos uma resposta clara e definitiva, decepçamos-nos: elas são divergentes, contraditórias, além de frequentemente se pretenderem exclusivas, propondo-se como solução única. (COLI, 2007, p. 6)

Aires de Almeida, em seu artigo *O que é Arte*, disponível no site <www.criticanarede.com>.confronta o problema de explicar o que é arte, e socorre-se de três teorias de arte essencialistas. Tratando-se estas de “Teorias que defendem uma idéia de arte intuitivamente partilhada por muitas pessoas, apesar das dificuldades que, como iremos ver, revelam quando são criticamente avaliadas”. Dada a dificuldade com

que nos defrontamos não nos custa analisá-las uma a uma em relação ao nosso objeto do artigo.

A primeira das teorias diz que “Uma obra é arte se, e só se, é produzida pelo homem e imita algo.” Sem nos preocuparmos com o alcance de sua veracidade, objeto árduo de discussão no artigo em questão, vemos que, dentro do universo que evoca, seria possível, sim, incluir a invenção de nomes próprios no universo do campo definido, eis que temos pouca dúvida de que estamos diante de um processo inegavelmente criado pelo homem e que é claramente imitativo na medida em que se origina de uma necessidade vital de representação continuada, o qual degenerou num costume. No caso específico, o da invenção de nomes cresce ao lado do processo da escolha de nomes comuns, porém um degrau acima do meramente imitativo, ao qual se aderiu à volúpia de “imitar” de forma especial e singular.

Quanto à segunda delas “Uma obra é arte se, e só se, exprime sentimentos e emoções do artista”. Seria impossível contestar, mesmo à primeira vista e a bordo de uma avaliação simplista, a carga de sentimentos e emoções associadas ao processo de escolha do nome dos filhos, depositária do que pode haver de mais sublime numa relação, que é o amor pelos filhos. No caso da invenção de nomes essa emoção é substanciada, na medida em que a emoção não satisfeita com a simples escolha, busca caminhos para interpretar na linguagem simbólica o que se projeta para o futuro do filho, na vontade de sucesso e felicidade desejada.

Pode-se questionar a presença do “artista” no ato de se inventar nomes, já que o artista profissional, não está presente na ação. Mas, onde começa o pressuposto do artista, em alguém que o denomine, ou no resultado alcançado de um propósito, muitas vezes à sua revelia? Sabe-se que existem artistas anônimos que nem sabem que são artistas: autores de provérbios, frases, versos e anedotas, dos quais nunca se soube ou saberá quem é o autor, artistas que perderam a autoria de seus símbolos mais nem por isso deixaram de ser artistas. Alguém que faz uma única poesia, que comete uma única

frase ou uma única citação nem por isso terá deixado de ser artista no instante sublime de sua intenção.

Finalmente, “Uma obra é arte se, e só se, provoca nas pessoas emoções estéticas”. Quem neste mundo jamais teve oportunidade de constatar algum tipo de reação estética de aprovação diante de um nome? Esse item, parece ser de aproximação inquestionável, na medida em que é trivial colher-se, no dia a dia, manifestações de admiração, até mesmo diante de nomes usuais. A preferência estética, individual, diante de um nome, preferencialmente a um outro, talvez tenha potencial para ser merecedor de estudo mais profundo, mas ninguém se negará a acreditar que existe diante da emissão e sonorização de um nome, uma reação de prazer, gozo, ou apreciação que talvez se modifique diante do personagem em ação, mas que nunca se livrará da manifestação de aprovação inicial, que independe da imagem do personagem a ela referido.

Nunca seria demais incluir neste exercício, quando mais não seja para pleno gozo e deleite da leitura destes achados, classificações extraídas de personagens célebres, que tentam resumir o conceito de arte e que talvez digam mais sobre ela do que as inúmeras discussões dos artigos e tratados filosóficos sobre a mesma. Como os selecionados pela revista *Discutindo Arte, Extra* (2008):

“No fundo, a arte é um processo de individuação. Não é por acaso que a gente faz arte.” Tole de Freitas (1945-).

“A arte é uma grande consoladora e aplacadora, ela representa a compensação mais preciosa das insuficiências da existência” Sigmund Freud (1856-1939).

“A arte é uma das condições para a realização do homem por si mesmo”. Christoffer Caudwell (1907-1937).

“A arte é transformar a própria vivência existencial, o próprio cotidiano, em expressão, uma aspiração que poderia se chamar de mágica tal a transmutação que visa operar no modo do ser humano, e da qual estão, por certo, afastadas quaisquer teorias de ordem naturalista.” Helio Oiticica (1937-1980).

“A arte não reproduz o visível, mas torna o visível.” Paul Klee (1879-1940).

“Se alguém chama isso de arte, então é arte” Donald Judd, artista plástico, norte-americano (1928-1994).

“A arte é uma mentira que nos ensina a compreender a verdade, pelo menos aquela verdade que somos capazes de compreender, como homens”. Pablo Picasso (881-1973).

“A arte é uma demonstração de que o ordinário é o extraordinário”. Amédeé Onzenfant (1886-1996).

Ouso acreditar que em todas elas, com diferentes graus de intensidade, sobrevive o processo de invenção de nomes. Das tantas definições, no entanto, nenhuma talvez apareça tão denunciadora da exacerbação do processo na aventura de Hidramix - acima citado como emblemático do objeto de discussão deste artigo -, como a de Pablo Picasso quando diz “A arte é uma grande consoladora e aplacadora, ela representa a compensação mais preciosa das insuficiências da existência”. Sigmund Freud (1856-1939)

6 CONCLUSÃO

A invenção de nomes próprios é uma manifestação, cada dia mais corriqueira no Brasil, de uma tentativa de expressão que não se circunscreve ao âmbito de um mero costume popular. Desconhecendo-se estudos exploradores dos mecanismos mais profundos de sua psique, desprezada por críticos, lingüistas, intelectuais e eruditos, que a apontam quase sempre apenas para denunciar seus resultados esdrúxulos, ecoa, no entanto, como foi sugerido neste trabalho, em uma sonoridade simbólica que não se esgota na pronúncia de suas palavras e sugere algo mais além, quando se confere o somatório de suas perspectivas de busca de identidade. Principalmente, quando praticada pelas camadas mais humildes e analfabetas de nossa população. Acreditamos que foi possível deduzir do texto acima contextualizado que a tentativa de criação de nomes próprios expõe uma tentativa de expressão que tangencia o angustiante e o sublime de uma obra de arte que estará, certamente, na intercessão dos significados comunicáveis ou não, de vida, arte e destino.

Não seria objeto deste artigo comprovar que estamos diante de um fenômeno artístico puro e simples, mas sugerir que quando investigamos o que carrega

de simbolismo e busca de identidade chegamos certamente ao território nunca claramente delimitado, das fronteiras desse mundo. E, se admitirmos como norte de nossa curta viagem neste imenso oceano de probabilidades de interpretação de um fenômeno lingüístico, a frase de Donald Judd de que “Se alguém chama isso de arte, então isso é arte”, acreditamos que este artigo terá cumprido uma de suas finalidades, que é a de ser uma dessas vozes.

7 - REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Aires de. **O que é arte?** Três teorias sobre um problema central de estética. Disponível em: <www.criticanarede.com>. Acesso em 10 ago. 2008.

BERLINCK, Luciana Chauí. A sociedade do narcisismo e da melancolia. **Revista Cult**. São Paulo, 2008.

BERRY, Nicole. **O sentimento da identidade**. São Paulo: Escuta, 1991.

BIDLOVKI, Lyzia. Qual o nome da criança? **Revista Veja**. Edição de 10 de Setembro de 2008.

CARVALHO, Paulo Cesar de. **Morte e vida das palavras**. Discutindo Literatura especial. São Paulo: Escala Educacional, 2008.

CALDAS, Tatiana Alves Soares. **Difícil Travessia**. Revista Discutindo Literatura Especial, sobre Guimarães Rosa. São Paulo: Escala Educacional. Ano 1, n. 4, 2008.

COLI, Jorge. **O que é arte**. Editora Brasiliense, São Paulo, 2007.

FERRI, René. **Dicionário de nomes de bebês**. São Paulo: Escala, 2008.

GENTIL, Helio Sales. O que é Interpretar. **Revista Mente. Cérebro. Filosofia**. São Paulo: Duetto editorial, 2008.

JUNIOR, Luis Costa Pereira. As palavras inventadas. **Revista Língua Portuguesa**. Ano 2, n. 2. São Paulo: Segmento, 2008.

LEAL, Renata. Que inglês, Que Nada. **Revista Época**. Edição de 17 de janeiro de 2008.

NASSER, Maria Celina de Q. **O que dizem os Símbolos**. São Paulo: Paulus, 2003.

OBATA, Regina. **O livro dos nomes**. São Paulo: Editora Círculo do Livro, 1986.

PINKER, Harvard; McEWAN, Ian. Caderno Mais. **Folha de São Paulo**, Abril de 2008.

Revista Discutindo Arte, Extra. Coletânea de edições. São Paulo: Escala Educacional, 2008.

Revista Nomes para bebês. Editora On Line, Ano 3, n. 6. São Paulo, 2008.

VIEIRA, Nelín. Hidramix. O criador de nomes. Almanaque JP- Turismo. **Jornal Pequeno**. São Luís, Ago/Set, 2004.